

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS I CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA

THAMARA ALVES RUFINO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: Um olhar para o fazer do professor de português no Ensino Médio

THAMARA ALVES RUFINO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: Um olhar para o fazer do professor de português no Ensino Médio

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, como requisito para a conclusão e obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Prof^a. Ma. Teresa Neuma de Farias Campina.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R926v Rufino, Thamara Alves

Variação linguística [manuscrito] : um olhar para o fazer do professor de português no ensino médio / Thamara Alves Rufino. - 2015.

40 p.

Digitado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015. "Orientação: Profa. Ma. Teresa Neuma de Farias Campina, Departamento de Letras e Artes".

 Variação Linguística 2. Ensino de Língua Portuguesa 3. Ensino Médio 4. Sociolinguística I. Título.

21. ed. CDD 410

THAMARA ALVES RUFINO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: Um olhar para o fazer do professor de português no ensino médio

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, como requisito para a conclusão e obtenção do grau de graduada.

Aprovado em: 19/06/ 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Teresa Neuma de Farias Campina / UEBB
Orientadora

Prof. Ms. Cleá Gurjão Carneiro / UEPB
Examinadora

NOTA: 9.5

Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nóbrega / UEPB Examinador NOTA: 9,0

Média: 9,1

Aos meus pais, irmão, esposo e toda a minha família, pelo carinho, dedicação e companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, realização deste trabalho e pela oportunidade de concluir o curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial à Professora Ma. Teresa Neuma de Farias Campina pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e por seu empenho, dedicação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos meus pais José Marques Rufino e Merivania Alves Rufino pelo amor, ensinamentos e apoio incondicional nas minhas decisões, não medindo esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Ao meu esposo Carlos Martins de Oliveira Neto pelas palavras de encorajamento e apoio nos momentos mais difíceis.

Ao meu irmão Itamar Alves Rufino pelos conselhos e amizade.

Aos meus avôs, tios e primos pela compreensão em meio as minhas ausências nas reuniões familiares.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade, apoio que fizerem parte da minha formação, e que vão continuar presentes em minha vida.

Aos amigos e irmãos em Cristo, do Grupo de Oração Vida Nova que, de forma direta ou indiretamente, me incentivaram ao longo da minha formação. A todos meu muito obrigada.

"A sociolinguística veio mostrar que toda língua *muda* e *varia*, isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante".

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo diagnosticar, através de dados colhidos por meio de um questionário, a postura do professor de Português do Ensino Médio, com relação à utilização da variação linguística em sala de aula. Uma vez que é lícito argumentar em favor do estudo da valorização social de cada variação linguística, evidenciando a heterogeneidade e diversidade da língua falada. Tomamos como corpus um questionário aplicado a seis professores, a fim de traçar um perfil da prática pedagógica do professor do Ensino Médio, no tocante à variação linguística. O estudo apresenta três momentos: Para a operacionalização da pesquisa, tomamos como aporte teórico o campo da Sociolinguística. Neste sentido, realizamos a revisão de literatura com o intuito de compreender os procedimentos estabelecidos em sala de aula pelo professor de Português. Procedemos com a coleta de dados por meio da aplicação de questionários a professores de Língua Portuguesa, vinculados a escolas da rede pública de ensino da cidade de Alagoa Nova. Para a realização deste estudo baseamo-nos em aportes teóricos de autores: Alkmim (2008), Bagno (2001 e 2002), Bortoni-Ricardo (1995 e 2005), Dionísio (2005), Mattos e Silva (2004), Mendes (2013), Mollica (2013), Murrie (2000), OCM (2008), Paiva (2013), Preti (2003), Tarallo (2002) e Votre (2013). A pesquisa delineia um perfil do professor que procura fazer uso de metodologias com a finalidade de conduzir os alunos a discussões acerca dos valores atribuídos a cada variante linguística, visto que estes utilizam os recursos da variação da língua para exprimir sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa. Ensino Médio.

ABSTRACT

This research aims to diagnose high school Portuguese teachers stance on linguistic variation use in classroom through data collected through a questionnaire. One can argue pro each linguistic variation social value in order to show spoken language heterogeneity and diversity. We have a questionnaire as a corpus, which was presented to six teachers to draw a high school teacher's pedagogical practice profile with regard to linguistic variation. This study has three phases: we are grounder in Sociolinguistics to perform the research. So, we held a literature review to understand the procedures set out in classroom by Portuguese teachers who work in public schools, in Alagoa Nova. Then, we proceeded to data collection through questionnaires. Our theoretical basis relied on contributions from authors such as Alkmim (2008), Bagno (2001, 2002), Bortoni-Ricardo (1995, 2005), Dionysus (2005), Mattos & Silva (2004), Mendes (2013), Mollica (2013), Murrie (2000), OCM (2008), Paiva (2013), Preti (2003), Tarallo (2002) and Votre (2013). This research outlines a teacher's profile which intends to use methodologies able to lead students to discussions about values assigned to each linguistic variant, as well as prejudice suffered by speakers, as they use language variation resources to express their own identity.

KEYWORDS: Linguistic variation. Brazilian Portuguese teaching. High school.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Questão número 6	26
QUADRO 2 - Questão número 7	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PELAS TRILHAS DAS TEORIAS: UM DIZER NECESSÁRIO	13
3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA	19
3.1 A variação linguística e os documentos oficiais: PCNs e OCMs	21
3.2 A noção de "erro"	23
4 A PROPÓSITO DE UMA ANÁLISE	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
ANEXO	40

1 INTRODUÇÃO

As variações linguísticas são níveis de fala no processo da comunicação, em que o falante utiliza-se da língua de acordo com a necessidade de se expressar. O fenômeno da variação linguística ainda é visto como "erro", como desvio ou incorreções da língua, tanto fora como no meio escolar. As aulas de Português ainda evidenciam o ensino de língua como sendo apenas a gramática tradicional, ou seja, como norma padrão, enfocando as regras e nomenclaturas sem proporcionar o estudo ou valorização social de cada variação linguística. As regras gramaticais apresentadas aos alunos são tidas como prioridades para um melhor desempenho linguístico e na medida em que é priorizado esse ensino, as diversidades linguísticas são desprezadas e ridicularizadas.

Diante de tal validade, este estudo pretende enfatizar o fenômeno da variação linguística a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística. Para tanto, tomamos como foco norteador a seguinte problemática: em que medida o dizer do professor de Português, do Ensino Médio, no tocante à variação linguística, subsidia o aluno quanto ao desempenho da sua (do aluno) competência linguístico-textual-discursiva? Para responder a esta problemática, partimos dos seguintes objetivos: a) verificar as contribuições do professor para a valorização dos saberes sociolinguísticos e dos valores culturais do aluno; e, b) compreender a postura dos professores, sujeitos da pesquisa, com relação ao uso de variedades não padrão em sala de aula.

A realização deste estudo, portanto, apresenta como hipóteses, em primeiro lugar, o fato de que o professor de Português do Ensino Médio concebe em sua prática pedagógica o ensino da norma culta, visando à ampliação da competência linguística, comunicativa e discursiva do aluno. Entra também nesse contexto, a variação dos saberes sociolinguísticos adquiridos pelo discente antes mesmo de ser introduzido no convívio escolar. Em segundo, a ocorrência de as aulas de Português do ensino médio visarem o enfoque exclusivo do ensino de gramática como norma padrão única que não pode ser revogada. As regras apresentadas aos alunos são tidas como prioridades para um melhor desempenho linguístico e, na medida em que é priorizado esse ensino, centrado apenas em regras. A variação linguística, internalizada em cada indivíduo, por meio dos valores culturais, é desconsiderada e tida como "erro".

Assim, o estudo em pauta se justifica pela necessidade de contribuir com a prática pedagógica do professor de Português em relação à variação linguística. A pesquisa é de suma importância no campo teórico para compreender, através do dizer nos dados colhidos por

meio do questionário, a postura do professor do ensino médio, com relação à utilização das variantes em sala de aula. Será através, desse olhar para o dizer do professor, que poderemos perceber se há e como se dá a valorização dos saberes sociolinguísticos e culturais trazidos pelos alunos. Sabemos que as variações linguísticas mudam de acordo com o tempo e com o espaço, ou seja, é discursiva, pois é do uso, e as palavras são criadas para atender à necessidade do falante. Portanto, não pode ser separada uma língua de uma comunidade de falantes, pois tanto a língua padrão quanto as variações linguísticas são utilizados em sala de aula, e, consequentemente em outros lugares, visto que ambos, língua padrão e variação linguística, fazem parte do repertório dos falantes.

Em se tratando dos procedimentos metodológicos, o estudo parte de uma pesquisa bibliográfica para dar suporte a análise dos dados. O *corpus* é constituído de um questionário aplicado a seis professores, com o objetivo de traçar um perfil da prática pedagógica do professor do ensino médio, em relação à variação linguística. Os dados para a pesquisa advêm da aplicação deste questionário, composto por sete questões, aplicado a seis professores de Língua Portuguesa no ensino médio, vinculados à rede pública de ensino da cidade de Alagoa Nova, sendo três professores do sexo masculino e três professores do sexo feminino. Estes, responderam ao questionário no período de 26/12/2014 à 04/01/2015. O processo contará com três momentos: Num primeiro, realizar-se-á uma revisão de literatura fundamentada na Sociolinguística, com o intuito de compreender os procedimentos estabelecidos em sala de aula pelo professor de Português no tocante à variação linguística. Num segundo, será determinada a coleta de dados, por meio da aplicação de questionários a professores de Língua Portuguesa, do ensino médio, vinculados a escolas da rede pública. Num terceiro e último momento, procederemos à análise do *corpus* tomando como base as teorias fundamentadas na Sociolinguística.

Para a realização deste estudo baseamo-nos em aportes teóricos de autores: Alkmim (2008), Bagno (2001 e 2002), Bortoni- Ricardo (1995 e 2005), Dionísio (2005), Mattos e Silva (2004), Mendes (2013), Mollica (2013), Murrie (2000), OCM (2008), Paiva (2013), Preti (2003), Tarallo (2002) e Votre (2013).

-

¹ O questionário proposto não pôde ser aplicado para professores da rede particular por não existirem estas escolas em nossa cidade.

2 PELAS TRILHAS DAS TEORIAS: UM DIZER NECESSÁRIO

Em 1964 durante um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, (UCLA), organizado por Willian Bright, surge a Sociolinguística, tendo como objeto de estudo a diversidade linguística. Bright (*apud* ALKMIM, 2008) aponta um conjunto de fatores sociais, no qual ele afirma que a diversidade linguística estabelece relação, que são: identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, o contexto social, e o julgamento social entre os falantes.

Nasce, portanto, a Sociolinguística determinada por uma origem interdisciplinar. Hymes (*apud* ALKMIM, 2008), propôs como domínio de pesquisa a Etnografía da Comunicação, com o intuito de descrever e interpretar, no contexto cultural, o comportamento linguístico, bem como a definição das funções da linguagem por meio da observação da fala e das regras de cada comunidade social.

A Sociolinguística apresenta como objeto de estudo a língua na modalidade falada. Partindo de uma comunidade linguística, será observada e analisada cientificamente, em situações de uso real. Sendo assim, a Sociolinguística descreve a língua em seus aspectos funcionais e sociais. A observação e o estudo destas comunidades linguísticas comprovarão no primeiro instante as diferentes formas de falar dos integrantes de uma dada comunidade. Para essas diferentes formas de falar, conforme a Sociolinguística, denominam variações linguísticas, bem como o conjunto dessas variações linguísticas utilizados por falantes de uma comunidade nomeia-se de repertório verbal.

Para a Sociolinguística é fundamental a existência da variação linguística nas línguas com o intuito de manter a observação e a descrição do comportamento linguístico. Além das variações na sociedade, pode-se perceber a existência de variedades de prestígio e de variedades não prestigiadas. Mas, acima de tudo, qualquer língua é capaz de adaptar-se, de acordo com o uso, a fim de atender as necessidades de uma comunidade, para assim os falantes melhor se expressarem.

Segundo Mollica (2013), cabe à Sociolinguística averiguar a proporção de estabilidade ou a mutabilidade da variação linguística, averiguando os pontos positivos e os negativos com relação aos usos linguísticos. A partir disso, percebe-se que no conjunto das variantes internas à língua, podem-se observar fatores fonomorfossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais, ou seja, os diversos subsistemas da língua. Já no conjunto das variantes externas à língua, elencam-se fatores pertinentes ao indivíduo (próprios do falante), os sociais e os contextuais que envolvem o falante e o evento da fala.

Labov (*apud* ALKMIM, 2008) aponta a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, como modelo com a finalidade de descrever e interpretar os fenômenos linguísticos ocorrentes nas comunidades de fala. Assim, de acordo com o pensamento de Bortoni-Ricardo (2005), as variações linguísticas são recursos utilizados pelo falante no ato de fala em que, no processo da comunicação, o falante molda a língua de acordo com a necessidade de se expressar, ampliando a qualidade da comunicação e determinando a sua identidade social.

Neste processo de comunicação, o falante, por influência e utilização dos recursos das variações linguísticas, seleciona elementos que o limitarão a condições que permitam sua aproximação ao grupo social ao qual deseja assemelhar-se, apresentando liberdade sociolinguística e modificando, até mesmo, seu próprio comportamento por predominância do desse grupo. A busca excessiva dessa afinidade com o grupo modelo ou de referência determina no ato de fala um ato de identidade, ou seja, na medida em que o falante se expressa, conscientemente ou não, estabelece escolhas linguísticas com a comunidade de fala, cuja produção oral será influenciada, também, pelo contexto situacional.

Segundo Bortoni-Ricardo "o falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações" (2005, p. 25). Assim, a situação, o lugar e o ouvinte serão determinantes do modo como o falante irá se expressar, no qual este, juntamente com o ouvinte, que tanto assume uma postura responsiva ativa quanto uma postura de locutor, estabelecem uma interação socialmente estruturada no processo de construção do significado, no contexto da comunicação.

Tarallo (2002, p. 12) evidencia que "as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concordância: padrão versus não padrão; conservadora versus inovadora; de prestígio versus estigmatizadas". Neste sentido, tal a variante padrão é, também, conservada e possui prestígio sociolinguístico em determinada comunidade. Já as inovadoras, em sua maioria, predominam nas variantes não padrão e, portanto, estigmatizadas pelos falantes da comunidade.

Segundo o pensamento de Tarallo (2002, p. 63) "Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!". Neste sentido, a língua portuguesa, como todas as outras línguas naturais, passa por mudanças e apresenta variações linguísticas estabelecidas por aspectos geográficos, sociológicos e contextuais.

Podemos, então, afirmar que todas as línguas utilizadas em comunidades apresentam variações. Isto porque, toda língua falada é heterogênea, ou seja, é arraigada por um conjunto

de variedades linguísticas. Porém, algumas línguas podem apresentar variantes com mais prestígio do que outras. Assim, língua e variação não podem ser apartadas, e, dessa forma, a Sociolinguística parte do pressuposto de que as mudanças ocorridas nas variações linguísticas estabelecem relação direta com fatores estruturais e sociais. Por isso, é natural que ocorram mudanças e variações linguísticas a fim de que a Sociolinguística, que é uma subárea da Linguística, possa atuar. Como afirma Bagno (2001, p. 43) "a Sociolinguística veio mostrar que toda língua *muda* e *varia*, isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante".

Conforme o pensamento de Alkmim (2008), as variações existentes nas línguas estão vinculadas aos diversos fatores, como: pessoas de origem geográfica, de idade, de sexos distintos que falam diferentemente dentro de uma mesma comunidade de fala. Estes fatores compõem o campo científico da Sociolinguística. Vale salientar que os falantes não necessariamente precisam ter nascido dentro de uma comunidade. Estes podem adotar as variações linguísticas próprias a sua região ou classe social.

Assim, surge que destaquemos a dualidade língua e sociedade. Estas compõem os elementos da constituição, nesta perspectiva, do ser humano. Assim, os seres humanos vivem organizados em uma sociedade, conservando a língua como sistema de comunicação oral e escrita. Ainda sob esta ótica, Benveniste (*apud* ALKMIM, 2008), enfatiza que algumas especificidades que estabelecem aproximação entre língua e sociedade, são: as realidades inconscientes; que, conforme Fishman (*apud* ALKMIM, 2008), os integrantes de uma comunidade aprendem inconscientemente as competências comunicativas e Sociolinguística, ou seja, será pelo uso e também pelo observar da língua que o falante se apropriará dela.

De acordo com o pensamento de Saussure (*apud* ALKMIM, 2008), a língua é composta pela sociedade em que cada indivíduo a adquiri no convívio social, ou seja, é um fato social. Por isso que a língua como instrumento de comunicação pode explicar e analisar a sociedade. Além de poder também possibilitar que o homem encontre-se na natureza e na sociedade, determinando, através de seu uso, a classe ou grupo social ao qual estabelece maior aproximação. Meillet (*apud* ALKMIM, 2008) em comum acordo com a visão saussureana, também, aponta a linguagem como um fato social, determinando que "a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade". Isto porque, a língua não existe de forma autônoma, mas sim a língua existe no e para sujeitos. Assim, a linguagem é a faculdade natural que possibilitará o indivíduo a construção de uma língua, e, assim, "a língua se caracteriza por ser um produto social da faculdade da linguagem" (Saussure, *apud* ALKMIM, 2008, p. 23)

A visão laboviana determina que a concepção de língua não seja biológica, mas social, ou seja, a língua não se encontra internalizada na mente do falante. Todavia, localiza-se o seu uso por uma comunidade de falantes. Assim, o uso das "ferramentas linguísticas" (palavras, frase, etc) entende-se, não apenas por termos linguísticos mas também em termos sociais, determinando, portanto, a heterogeneidade da língua falada, ideia defendida por cientistas que compreendem a língua socialmente.

Para Benveniste (*apud* ALKMIM, 2008), tanto o indivíduo quanto a sociedade só existem na, e pela língua, visto que é através dela que o indivíduo mantém relação direta com o meio em que vive, como também com os outros. Logo, a língua é a manifestação da faculdade humana da linguagem. Por isso, língua e sociedade são inseparáveis, não existe uma sem a outra. Portanto, a relação língua e sociedade explica-se por considerar a língua como meio de observar minuciosamente a sociedade, pois a língua nos permite descrever, para interpretar a natureza e a experiência, ou seja, a língua dá forma a sociedade. Para o autor, o homem através da língua pode se situar na natureza e na sociedade.

As variações linguísticas podem ser vistas por dois parâmetros básicos: a variação geográfica ou diatópica e a variação social ou diastrática. A variação geográfica ou diatópica é analisada entre falantes de origens geográficas diferentes, no qual estão vinculadas diversidades linguísticas apresentadas no espaço físico, considerando, assim, os limites físico-geográfico. Aspecto este evidenciados por Preti (2003) ao estabelecer que as variações geográficas referem-se ao regionalismo e são determinadas pela oposição linguagem urbana/linguagem rural.

Já a variação social ou diastrática compõe-se por fatores ligados diretamente com a identidade do falante e da comunidade de fala. Conforme o pensamento de Preti (2003) aponta que as variações sociológicas consideram aspectos como: a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social, como também localizam-se dentro da comunidade e em nível de escolaridade. Além das variações contextuais proveniente da situação, do tipo de ouvinte e do lugar em que ocorre o diálogo.

Com relação à variável gênero/sexo Fischer (*apud* PAIVA, 2013) em seu estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas* considera a pronúncia como uma diferença de valorização social, ou seja, forma prestigiada versus forma não prestigiada. Considera, também, que a forma prestigiada apresenta maior predominância na fala feminina. Outros estudos vinculados ao sociovariacionismo contribuíram com a comprovação de Fischer (*apud* PAIVA, 2013), pois apontam que gênero/sexo podem estabelecer um grupo de fatores relevantes para os processos variáveis de diferentes níveis e demonstram que as

mulheres apresentam maior preferência ao uso das variações linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Assim, podemos afirmar com base nos estudos de Paiva (2013) em comum acordo com estudos de Fischer (*apud* PAIVA, 2013), que as mulheres fazem maior utilização da forma padrão da língua, do que os homens. Durante a interação verbal observam-se diferenças na socialização, a saber: os homens geralmente mostram-se mais independentes e demonstram uma postura que garanta seu prestígio. Já as mulheres, conduzem a conversação de maneira mais solidária, procurando sempre o envolvimento do interlocutor. Percebe-se, contudo, diferenças significativas na forma que homens e mulheres comandam a interação verbal, no qual elas "tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens" (PAIVA, 2013, p. 36).

Paiva (2013), também, evidencia o estudo de Oliveira (*apud* PAIVA, 2013), que em contrapartida com o estudo de Fischer, aponta que os homens lideram em sua pesquisa o processo de mudança. Porém, Paiva (2013) apropria-se dos estudos de Labov (*apud* PAIVA, 2013), sobre o inglês de Nova York, para levantar a tese e generalizar afirmando que existe "maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas" (PAIVA, 2013, p. 37). Além de enfocar, que ao se estudar variações linguísticas é preciso incluir outros aspectos e complexas interações, não privilegiando apenas a análise das variáveis gênero/sexo.

Ainda em relação entre gênero/sexo com as demais variáveis, como classe social, idade, ou até mesmo com a variável estilo de fala, pode ocasionar padrões diversificados que indicam as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, possibilitando ter acentuação maior ou menor em função da classe social ao qual eles fazem parte. A diferença entre falantes do sexo masculino e do sexo feminino podem diversificar em relação à classe social observada. Vale salientar que deve ser considerado o papel do indivíduo na sociedade, pois se as mulheres apresentam menor participação na vida social do que os homens, a variedade prestigiada terá o domínio deles. Além disso, homens e mulheres mais jovens demonstram semelhanças linguísticas, porém homens e mulheres mais velhos costumam apresentar diferenças mais perceptivas. Ainda com relação ao pensamento de Fischer (*apud* PAIVA, 2013) e Paiva (2013) as mulheres se mostram mais atuantes na escola, ou seja, mais disponíveis a incorporação de modelos linguísticos, do que os homens.

Na variável nível de escolarização Votre (2013), apresenta quatro distinções no interior da sociedade no qual mantém relação com a escola. A primeira distinção refere-se à forma de prestígio social das pessoas superiores na escala socioeconômica, opondo-se às

pessoas que não apresentam prestígio social, acontece em contextos formais, entre falantes que bem se utilizam da língua para falar e escrever. A segunda distinção é entre fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização, em que as pessoas desprovidas de prestígio social são consideradas inferiores e são excluídas pelos membros da comunidade discursiva. A terceira distinção determinada pelos fenômenos controlados pela escola contra os que não fazem parte da atenção escolar. A quarta distinção coloca em oposição os fenômenos associados por fatores gramaticais contra os fenômenos relacionados a fatores discursivos.

Na categoria tipos de ensino Votre (2013), aponta três subclasses, a saber: o ensino produtivo concentrado em adquirir novos hábitos linguísticos, visando com maior evidência os modos de prestígio; o ensino descritivo que de forma natural conduz o aluno a aderir às formas focalizadas, como marca de prestígio social; e por fim, o ensino prescritivo o qual perpassa pelas conquistas das formas de prestígio e dos exercícios de eliminação das formas sem prestígio. Assim, o ato de comunicação divide-se nas modalidades falada e escrita, cujos estudos do uso centralizam-se nos fenômenos da fala, enquanto a escola enfatiza a escrita.

O nível de escolarização apresenta um papel dominante com relação à aquisição da língua padrão pelos falantes, pois gera mudança na fala e na escrita, preservando sempre as formas prestigiadas.

Segundo Labov e Harris (*apud* BORTONI-RICARDO, 1995) o sistema básico da língua não é adquirido nas escolas com o convívio com o professor, nem pelo contato com os meios de comunicação de massa. Já Fasold (*apud* BORTONI-RICARDO, 1995) aponta que os métodos de planejamento linguístico têm influência sobre as práticas linguísticas da linguagem monitorada. Em contrapartida, Bortoni-Ricardo (1995) determina duas crenças com relação à linguagem utilizada em sala de aula. Na primeira crença, o professor usa uma linguagem descuidada, não monitorada, distante dos padrões defendidos no domínio escolar. Na segunda crença, incluindo linguistas, assumem uma posição oposta e acreditam que a linguagem formal praticada na escola é insociável aos alunos de classes populares.

Segundo o pensamento de Mendes (2013, p. 114) "se uma língua é um sistema, a variação linguística é fato observado nos seus diferentes subsistemas", ou seja, aponta que a variação linguística pode ser expressa de maneira diatópica (as frequências das pronúncias demonstram padrões diferentes em distintas localidades); de maneira diastrática (em um mesmo local/cidade, subgrupos de pessoas também podem revelar padrões de uso diferentes, dependendo de seu nível social) e de maneira diafásica (subgrupos e indivíduos apresentam variação linguística com consonância com o estilo de fala).

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Há uma tendência do fenômeno da variação linguística predominar da norma-padrão sobre as demais variedades existentes, principalmente, nas metodologias utilizadas por professores de português que não permitem a valorização dos saberes culturais internalizados em cada indivíduo, mas visam apenas o ensino das regras gramaticais com o conceito de que as formas linguísticas são as únicas certas. Com relação às metodologias utilizadas pelo professor, BAGNO (2002) afirma que:

Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, então, discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa. (p. 75)

Este procedimento deve cuidar para que no âmbito escolar não se reproduza um espaço propício à discriminação linguística, pois, como declara Bortoni-Ricardo (1995), é pedagogicamente errado utilizar-se da ocorrência do "erro" do aluno como momento oportuno para humilhá-lo, ridicularizando-o em sala de aula. Em contrapartida, uma nova pedagogia, culturalmente sensível, está procurando compreender as diferenças entre a cultura do aluno e a da escola, e atesta que é preciso estabelecer formas eficazes para que o educando seja consciente destas diferenças. Essa perspectiva apresentada por Bortoni-Ricardo (1995) determina que o professor, ao deparar-se com a realização de uma regra não padrão pelo aluno, deve incluir em suas propostas dois componentes, a saber: a identificação e a conscientização da diferença. O primeiro componente, a identificação, por muitas vezes fica prejudicado, pois não tem a atenção necessária ou pela falta de conhecimento da regra, por parte do professor, ou seja, as regras das variantes linguísticas são despercebidas principalmente em momentos de fala mais informal. O segundo componente requer a conscientização do aluno quanto às diferenças, permitindo-lhe moldar seu estilo, porém não prejudicando o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

É perceptível que quando o professor faz da forma de falar do aluno uma área de conflito, o discente irá, consequentemente, aderir ao conflito e converter sua forma de interagir com outros falantes. Todavia, quando a forma de falar do aluno não é tida como conflito o aluno se adapta, aproximando-se, na direção da língua padrão, visto que tanto a

língua padrão quanto a variação linguística são usados em sala de aula, cumprindo funções distintas, pois ambas fazem parte do repertório dos falantes.

Com relação às metodologias, Mattos e Silva (2004) defende que o professor de português deveria inicialmente realizar um levantamento dos paradigmas dominados por seus alunos no ato de fala. Logo em seguida, ensinar os paradigmas verbais inexistentes no vernáculo falado por estes, com o intuito de desenvolver uma ampliação da concordância verbal e dos fatores estruturais da língua, considerando, também, as inter-relações da estrutura da língua portuguesa. Essa nova perspectiva não visa à deterioração da gramática, mas sim uma mudança nas metodologias tomadas por professores de língua materna, pois as variantes conversacionais, acima de tudo, são mudanças estruturais profundas e integradas com a determinação de refletir e expressar a fala dos sujeitos.

Bagno (2001, p. 59) aponta que "a escola tem de se abrir a todos os *gêneros* em que se pode concretizar o uso da língua", para um ensino crítico da norma padrão, evidenciando a heterogeneidade e diversidade da língua falada pelo enfoque de uma pedagogia inclinada para o todo da língua e não para algumas especificidades, da mesma. Como nas aulas sobre variação linguística que muitas vezes é solicitado aos alunos a reescrita de textos que apresentam tais ocorrências, no qual o aluno é submetido a reescrever para o português padrão palavras ou expressões que estão na forma não padrão, criando, assim, situações irreais de uso. Com relação a este procedimento, Dionísio (2005) determina que ao invés da simples reescrita para a linguagem formal (padrão), fosse proporcionado ao aluno situações em que ele pudesse contrapor as formas do português padrão com as formas do não padrão e até mesmo apontar as regras que norteiam as variedades da língua. Assim, com esta atividade o aluno iria atentar para as condições de uso das formas e as situações que determinam seus usos no convívio social.

A variação linguística se reflete na variação social projetando-se nesta e determinando que as línguas, em uso, são heterogêneas, ou seja, não se separa uma língua de uma comunidade de falantes, pois tanto a língua padrão quanto os dialetos são utilizados em sala de aula, e, consequentemente em outros lugares, visto que ambos fazem parte do repertório dos falantes. O dever da escola, portanto, é ensinar a norma culta, mas isso não torna possível ignorar ou até mesmo desprezar as variedades linguísticas que o aluno adquiriu naturalmente no contato com familiares, amigos, comunidades de fala. Com relação a esta diversidade adquirida no ato da fala e do posicionamento da escola, Bagno (2008) defende que:

[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (p. 27)

Como se vê, a ausência do reconhecimento da diversidade linguística, traço este que compõe as línguas humanas, provém do valor atribuído à norma padrão. Pois à medida que a escola e as demais instituições, voltadas para a educação, impõem o estudo demasiado de regras gramaticais desconsideram as variações linguísticas e as tem como inferiores e erradas.

Os falantes das variações sofrem preconceito linguístico através dos jornais, revistas, programas de televisão e de rádio além da gramática normativa e boa parte dos livros didáticos que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado". Vale salientar que este estudo não quer desvalorizar as regras gramaticais, pois compreende-se que são de grande importância para o domínio da língua padrão.

3.1 A variação linguística e os documentos oficiais: PCNs e OCMs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs -, para o ensino médio, consideram a linguagem como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, uma vez que podem variar de acordo com as necessidades e as experiências da vida em sociedade. Assim, realiza-se a produção de sentido, principal razão do ato de linguagem.

A linguagem é uma herança social, que quando adquirido abrange os indivíduos, envolvendo as estruturas mentais, emocionais e perceptivas. Para tanto, a linguagem movimenta o homem e é movimentada pelo homem, pois esta penetra o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Não existe linguagem no vazio, sua principal meta é a interação, ou seja, a comunicação com o outro dentro de um espaço social, criando, assim, a linguagem verbal. É por meio desta linguagem verbal que o homem representa, organiza e transmite de forma específica o seu pensamento. Portanto, toda linguagem dentro de si é acometida por uma visão de mundo, preenchida de significados e significações, indo além do seu aspecto formal.

Na escola a linguagem torna-se objeto de reflexão e análise, possibilitando ao aluno superar ou transformar os significados veiculados, ou seja, esse conhecimento deve considerar a própria mobilidade da linguagem. Para tanto, o estudo da função e o uso das linguagens,

bem como dos gêneros discursivos e dos modos de articulação estabelecem maior uso da mesma, pois será através da análise, interpretação e aplicação dos recursos expressivos das linguagens, estabelecendo relação entre texto com seus contextos, que o aluno terá uma visão estendida das inúmeras possibilidades de uso. Assim, o estudo pautado sobre esse ensino deverá levar o aluno ao conhecimento, análise e confronto de opiniões sobre as diferentes linguagens e suas manifestações, conduzindo-o a respeitar e preservar as diversidades sociais e históricas. Como determina os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000):

As linguagens, por suas características formativas, informativas e comunicativas, apresentam-se como instrumentos valiosos para se alcançar esses fins. Na escola, o aluno deve compreender a relação entre, nas e pelas linguagens, como um meio de preservação da identidade de grupos sociais menos institucionalizados e uma possibilidade de direito às representações desses frente a outros que têm a seu favor as instituições que autorizam a autorizar. (PCNs, 2000, p. 9)

Desta forma o aluno deve tanto conhecer as diversas manifestações das diferentes esferas sociais, como também aprender a respeitar as linguagens. Este estudo possibilitará o uso da linguagem como meio de expressão, informação e comunicação. Além de entender e fazer uso da língua portuguesa como língua materna, produzindo significados e incorporando a organização de mundo e da própria identidade.

Os PCNs questionam se a gramática que é ensinada na escola faz algum sentido para aqueles que já sabem dela por serem falantes nativos. E determina que o problema do ensino da gramática, na escola, se dá pela desorganização entre a norma e a gramática, pois o que poderia ocasionar um aprimoramento na fala/escrita/leitura torna-se um aprisionamento. Isto por não existir língua separada do contexto social vivido, não há como apartá-la de sua própria natureza, mesmo que no âmbito escolar. O professor deverá, portanto, trabalhar de forma que desenvolva e sistematize a linguagem própria do aluno, a fim de conduzi-lo a verbalização da língua e apropriação de outras utilizadas em diferentes esferas sociais.

As Orientações Curriculares de Língua Portuguesa para o ensino médio defendem a importância de proporcionar debates em sala de aula sobre o fato de que se as línguas variam no espaço e mudam ao longo do tempo. O processo de ensino/aprendizagem, nas diferentes modalidades da escolarização, não deve desconsiderar este fenômeno da língua. Além de

considerar a importância de ser introduzido em sala de aula textos que circulam na sociedade, e não unicamente os literários.

Elas apontam que é através da "interação em diferentes instituições sociais que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem; ao fazê-lo, vai construindo seus conhecimentos relativos aos usos da língua e da linguagem em diferentes situações" (OCM, 2008, p. 24). Será por intermédio dessas instâncias sociais que o indivíduo constrói um conjunto de representações sobre o que são e qual o valor social das variações de uso da língua e da linguagem, pois compreender os usos da língua implica considerar os recursos e os arranjos pelos quais se constrói um texto num determinado contexto. Como salienta as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008):

O que se defende, portanto, é a absoluta necessidade de se avocar e levar adiante o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas [...] sem que, para isso, é claro, se vejam apartados da cultura e das demandas de suas comunidades. (OCM, 2008, p. 29)

Compreende-se aqui, a necessidade de o docente propor um destaque especial, enfatizando a importância do funcionamento das formas consideradas não padrão por intermédio das regras gramaticais que as direcionam. Já que a explicação de regras gramaticais poderia possibilitar ao aluno um maior entendimento da necessidade dessas para a produção escrita, mas sem desvalorizar os valores culturais adquiridos pelos alunos ao longo da vida, pois grandes são as contradições entre a fala do aluno adquirida nas comunidades ao qual ele pertence e a língua padrão que ele deve aprender no convívio escolar.

3.2 A noção de "erro"

A variação linguística que não pode ser considerada nem como "progresso" nem como "decadência" da língua é tida como "erro" pela escola, pois muitas aulas de português do ensino médio ainda visam o enfoque do ensino de gramática como norma padrão, evidenciando as regras e nomenclaturas da gramática normativa sem proporcionar o estudo ou valorização social dos atributos de cada variante linguística trazidos pelos discentes. As regras gramaticais apresentadas aos alunos são tidas como prioridades para um melhor desempenho

linguístico e na medida em que é priorizado esse ensino, centrado apenas em regras, o aluno é apartado de seus valores culturais. Com relação à utilização das gramáticas Bagno (2001, p. 43) afirma que "a Sociolinguística acentuou ainda mais a inadequação das gramáticas normativas tradicionais, que sempre trataram da língua como se ela fosse uma coisa só, um bloco compacto e uniforme, imóvel e imutável". Como medida de inovação dessa teoria Mattos e Silva (2004) evidencia a necessidade de acontecer um reajuste das práticas realizadas em sala de aula por parte da norma pedagógica. Isso acontecerá primordialmente com as formações linguísticas dos professores e em seguida, com os instrumentos pedagógicos utilizados pelos mesmos.

Segundo Bagno (2001), a verdadeira língua natural é a língua falada, visto que esta se encontra em constante processo de transformação, em que cada falante a adquire por meio do convívio familiar, de um grupo social, etc. O autor aponta, também, que a língua escrita, todavia, apresenta um importante papel na história da humanidade, porém sempre estará em segundo plano. Os modernos estudos linguísticos evidenciam que não existe erro em língua, mas sim existem formas diferentes daquela proposta pela gramática tradicional, ou seja, as pessoas falam de maneira diferente ao aplicar regras gramaticais diferentes, das regras da gramática tradicional, no ato de fala. Isto porque, só é possível considerar que ocorreu um erro de língua quando a comunicação entre os falantes é comprometida. Portanto, podemos afirmar que a utilização dos conceitos de "certo" e " errado" exprime aspectos de autoritarismo e intolerância para com o repertório verbal destes falantes.

Além disso, saber uma língua, ou melhor, saber da gramática de uma língua, não significa saber da ortografia da mesma, pois estes são aspectos diferentes. A língua é natural, pois se adquire naturalmente no contato com outros falantes, ou seja, a aquisição da língua materna não é premeditado. Já a ortografia é artificial, conhecimento aprendido e exercitado para a memorização. Para tanto, percebe-se a importância de o professor estar ciente desta diferença, que quando o aluno pratica um desvio de ortografia não está cometendo "erros de português", pois a ortografia não compõe a gramática da língua.

A Língua Portuguesa no Brasil constitui-se de muitas variações linguísticas em todos os níveis estruturais (fonológico, morfológico, sintático, lexical, etc), em que um mesmo grupo social pode ser formado por diversos tipos deste fenômeno relacionados aos diferentes valores sociais atribuídos a estes falantes. Ao analisar aspectos relacionados à variação linguística, presente na Língua Portuguesa, Dionísio (2005) enfatiza a existência de duas visões contrastantes com relação ao uso dessas variações. A primeira visão considera que a Língua Portuguesa está sendo massacrada e exterminada. Já a segunda, afirma que tais

mudanças na língua materna, nas modalidades escrita e falada, resultam de fenômenos linguísticos naturais e peculiares a qualquer língua viva. Podemos compreender que a língua não está passando por uma crise, até mesmo momentânea, mas sim se encontra em um processo infinito de evolução determinado, portanto, pelos grupos sociais da comunidade. Estes que, consequentemente, também evoluem pelo uso da linguagem por intermédio dos seus falantes.

4 A PROPÓSITO DE UMA ANÁLISE

Em conformidade com Fischer (*apud* PAIVA, 2013) levamos em consideração o fato defendido por ele, de que gênero/sexo podem estabelecer um grupo de fatores relevantes para os processos variáveis de diferentes níveis além de considerar a pronúncia como uma diferença de valorização social. Por isso, aplicamos o mesmo questionário a seis professores de Língua Portuguesa do ensino médio, vinculados à rede pública de ensino da cidade de Alagoa Nova, sendo três professores do sexo masculino e três professores do sexo feminino. Estes, responderam ao questionário no período de 26/12/2014 à 04/01/2015.

Inf.	Idade	Sexo	Como você aborda a temática da variação linguística em sala de
			aula?
1	35	F	Com gêneros textuais diversos, a partir de situações reais da
			comunicação.
2	24	F	A partir dos próprios conhecimentos dos alunos costumo mostrar que, a
			escola é o lugar em que aprendemos a norma culta, não os deixando ter
			discriminação, no entanto, com as outras variedades da língua, pois a
			própria sala de aula é heterogênea com relação a este tema.
3	43	F	A variação linguística é um dos melhores assuntos abordados, pois
			podemos trabalhar os diferentes falares e as questões sociais e
			situacionais. Geralmente usamos trechos de texto com falas de
			diferentes regiões ou representante de grupos sociais específicos.
4	29	M	Costumo abordar a variação linguística em sala de aula, de maneira
			contextualizada, através de gêneros textuais diversos e específicos,
			explicitando as marcas textuais que comprovam o fenômeno da variação
			linguística e que são determinantes para a sua ocorrência, como os
			aspectos históricos, sociais, regionais, étnicos, faixa etária, etc.
5	30	M	Ao abordar a temática da variação linguística em sala de aula busco dar
			ênfase às variedades locais, partindo do que o aluno traz na "bagagem"
			sobre o assunto.
6	34	M	Abordo dentro de uma perspectiva que observa a Língua/Linguagem
			como uma atividade social e histórica. Levando os alunos a perceberem
			a língua como um processo que deve ser adequado aos contextos de uso

	na sociedade. Porque disso envolve aspectos ideológicos e relações de
	poder que figuram na participação social.

Quadro 1 – Resposta dos professores, sujeitos da pesquisa, referente à pergunta número 6.

Para preservar a identidade dos professores serão identificados como Informantes 1, 2, 3, 4, 5 e 6². No questionário, inicialmente solicitamos idade, sexo, grau de formação, tempo de atuação no magistério e a última participação em uma formação. Seguido da pergunta 6 com o seguinte questionamento: Como você aborda a temática da variação linguística em sala de aula?

A Informante 1, de 35 anos especialista, afirmou abordar a temática "com gêneros textuais diversos, a partir de situações reais da comunicação". Ela utiliza-se de gêneros textuais para proporcionar situações reais do uso da língua permitindo que estes possam contrapor as formas da língua padrão com as formas do não padrão, evidenciando a proposta de Dionísio (2005), pois com esta atividade o aluno irá atentar para as condições de uso das formas e as situações que determinam seus usos no convívio social.

Já em se tratando da Informante 2, de 24 anos também especialista, aponta que "a partir dos próprios conhecimentos dos alunos costumo mostrar que, a escola é o lugar em que aprendemos a norma culta, não os deixando ter discriminação, no entanto, com as outras variedades da língua, pois a própria sala de aula é heterogênea com relação a este tema".

Podemos observar que a Inf. 2 aborda a temática de acordo como a proposta de Mattos e Silva (2004), partindo do levantamento dos paradigmas já dominados pelos alunos no ato de fala para posteriormente propor o ensino dos paradigmas verbais desconhecido por estes, com o intuito de desenvolver uma ampliação da concordância verbal e dos fatores estruturais da língua. Para tanto, determina que é na escola que se aprende a norma culta. Porém, não permitindo que os alunos se apropriem do espaço escolar para a discriminação do outro ou até mesmo da língua, corroborando com o que declara Bortoni-Ricardo (1995) que é pedagogicamente errado utilizar-se da ocorrência do "erro" do aluno como momento oportuno para humilhá-lo, ridicularizando-o em sala de aula. Por fim, a Inf. 2 determina que "a própria sala de aula é heterogênea com relação à temática da variação", concluindo, assim, que se a língua é heterogênea e diversificada como afirma Bagno (2001) e que na fala de cada aluno encontram-se diversos grupos sociais dos quais ele faz parte, consequentemente, podemos

_

² Inf. 1, Inf. 2, Inf. 3, Inf. 4, Inf. 5 e Inf.6

determinar que a sala de aula também é heterogênea, pois cada aluno traz consigo uma "bagagem" de conhecimento de variações linguísticas diferentes.

Em consonância, a Informante 3, mestre de 43 anos, determina que "a variação linguística é um dos melhores assuntos abordados, pois podemos trabalhar os diferentes falares e as questões sociais e situacionais. Geralmente usamos trechos de texto com falas de diferentes regiões ou representante de grupos sociais específicos". A Inf. 3 evidencia que trabalha com os diferentes falares e as questões sociais e situacionais, ponto este determinado pela sociolinguística que afirma como parte do pressuposto de que as mudanças ocorridas nas variações linguísticas estabelecem relação direta com fatores estruturais e sociais. Como afirma Bagno, "a sociolinguística veio mostrar que toda língua muda e varia, isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante" (BAGNO, 2001, p. 43). Com relação às questões sociais e situacionais a Inf. 3 está em comum acordo, também, com o pensamento de Benveniste (apud ALKMIM, 2008) o qual determina que as realidades inconscientes estabelecem aproximação entre língua e sociedade. Pois, os integrantes de uma comunidade aprendem inconscientemente as competências comunicativas e sociolinguística, ou seja, será pelo uso e também pelo observar da língua que o falante se apropriará dela. Assim, a língua possibilita que o homem encontre-se na natureza e na sociedade, determinando através de seu uso a classe ou grupo social com o qual estabelece maior aproximação. Além disso, Meillet (apud ALKMIM, 2008) em comum acordo com a visão saussureana, também, aponta a linguagem como um fato social, estabelecendo que "a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade". O contexto situacional influenciará na produção oral, ou seja, na medida em que o falante se expressa, conscientemente ou não, estabelece escolhas linguísticas com a comunidade de fala, determinando sua produção oral por consequência do lugar ao qual está inserido. Podemos perceber que a Inf. 3 estabelece em seu trabalho com a temática, relações fundamentais para a sociolinguística, pois além das questões sociais e situacionais ela afirma trabalhar com trechos de falas de diferentes regiões ou representantes de grupos sociais específicos, nos permitindo retomar aos dois parâmetros básicos, que são: a variação geográfica ou diatópica analisada entre falantes de origens geográficas diferentes, no qual estão vinculadas diversidades linguísticas apresentadas no espaço físico, considerando, os limites físico-geográfico ou diatópica; e a variação social ou diastrática determinado por fatores ligados diretamente com a identidade do falante e da comunidade de fala, que são: a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social.

Ainda em relação à pergunta 6 do questionário, porém, sendo agora informantes do sexo masculino, o Informante 4, graduado em Letras Língua Portuguesa de 29 anos, afirma: "costumo abordar a variação linguística em sala de aula, de maneira contextualizada, através de gêneros textuais diversos e específicos, explicitando as marcas textuais que comprovam o fenômeno da variação linguística e que são determinantes para a sua ocorrência, como os aspectos históricos, sociais, regionais, étnicos, faixa etária, etc". O Inf. 4 aborda o fenômeno da variação linguística utilizando gêneros textuais diversos e específicos sobre a temática para proporcionar, conforme Dionísio (2005), situações reais do uso da língua, a fim de proporcionar ao aluno situações em que ele possa contrapor as formas do português padrão com as formas do não padrão e até mesmo apontar as regras que norteiam as variedades da língua. Com esta atividade o aluno irá compreender as condições de uso das formas do português padrão com o do não padrão, além de perceber as situações que determinam o uso, de ambos, no convívio social. Com essa atividade o Inf. 4 expõe os elementos textuais que são determinantes para a ocorrência do fenômeno da variação linguística, em conformidade com o pensamento de Alkmim (2008), as variações existentes nas línguas estão vinculadas aos diversos fatores, como: pessoas de origem geográfica, de idade, de sexos distintos que falam diferentemente dentro de uma mesma comunidade de fala. A variação social ou diastrática compõe-se por fatores ligados diretamente com a identidade do falante e da comunidade de fala, evidenciados no trabalho do Inf. 4, que são: a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social. De acordo com Fishman (apud ALKMIM, 2008) os integrantes de uma comunidade aprendem inconscientemente as competências comunicativas e sociolinguística, ou seja, será pelo uso e também pelo observar da língua que o falante se apropriará dela.

Já o Informante 5, pós-graduado e especialista de 30 anos, estabelece que "ao abordar a temática da variação linguística em sala de aula busco dar ênfase às variedades locais, partindo do que o aluno traz na "bagagem" sobre o assunto". O Inf. 5 parte do já conhecido pelos alunos, da "bagagem" trazida por eles sobre a temática, ou seja, inicialmente faz-se um levantamento dos paradigmas já dominados pelos alunos no ato de fala para posteriormente propor o ensino dos paradigmas verbais inexistentes no vernáculo falado por estes, com o intuito de desenvolver uma ampliação da concordância verbal e dos fatores estruturais da língua, em comum acordo como a proposta de Mattos e Silva (2004). Além de enfatizar as variedades locais, a Sociolinguística determina que é pelas mudanças ocorridas nas variações linguísticas que se estabelecem relação direta com fatores estruturais e sociais. A visão laboviana determina que a concepção de língua não seja biológica, mas social, ou seja, a

língua não se encontra internalizada na mente do falante. Todavia, localiza-se o seu uso por uma comunidade de falantes. Assim, o uso das "ferramentas linguísticas" (palavras, frase, etc) entende-se não apenas por termos linguísticos, mas também em termos sociais, determinando, portanto, a heterogeneidade da língua falada, ideia defendida por cientistas que compreendem a língua socialmente. Segundo o pensamento de Mendes "se uma língua é um sistema, a variação linguística é fato observado nos seus diferentes subsistemas" (MENDES, 2013, p. 114).

Ainda neste víeis, o Informante 6, mestre de 34 anos, pontua que "abordo dentro de uma perspectiva que observa a Língua/Linguagem como uma atividade social e histórica. Levando os alunos a perceberem a língua como um processo que deve ser adequado aos contextos de uso na sociedade. Porque disso envolve aspectos ideológicos e relações de poder que figuram na participação social". O Inf. 6 atesta abordar a temática observando a língua/linguagem como uma atividade social e histórica, estabelecendo relação direta com a visão laboviana a qual determina que a concepção de língua não seja biológica, mas social, ou seja, a língua não se encontra internalizada na mente do falante, todavia localiza-se o seu uso por uma comunidade de falantes. Assim, o uso das "ferramentas linguísticas" (palavras, frase, etc) entende-se não apenas por termos linguísticos, mas também em termos sociais, determinando, portanto, a heterogeneidade da língua falada, ideia defendida por cientistas que compreendem a língua socialmente. Segundo o pensamento de Mendes "se uma língua é um sistema, a variação linguística é fato observado nos seus diferentes subsistemas" (MENDES, 2013, p. 114).

A Sociolinguística, portanto, parte do pressuposto de que as mudanças ocorridas nas variações linguísticas estabelecem relação direta com fatores estruturais e sociais. Por isso, é fundamental que ocorram mudanças linguísticas para que a Sociolinguística possa atuar. Como afirma Bagno, "a Sociolinguística veio mostrar que toda língua *muda* e *varia*, isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante" (BAGNO, 2001, p. 43). O Inf. 6 conduz o aluno à reflexão e observação da língua no processo de fala dentro do contexto social, paralelamente em conformidade com o pensamento de Bortoni-Ricardo (2005), aponta que as variações linguísticas são recursos utilizados pelo falante no ato de fala, em que no processo da comunicação o falante molda a língua de acordo com a necessidade de se expressar, ampliando a qualidade da comunicação e determinando a sua identidade social. Neste processo de comunicação, o falante, por influência e utilização dos recursos das variações linguísticas, seleciona elementos que o limitarão a condições que permitam sua aproximação ao grupo social ao qual deseja

assemelhar-se, apresentando liberdade sociolinguística e modificando, até mesmo, seu próprio comportamento por predominância desse grupo. A busca excessiva dessa afinidade com o grupo modelo ou de referência determina no ato de fala um ato de identidade, ou seja, na medida em que o falante se expressa, conscientemente ou não, estabelece escolhas linguísticas com a comunidade de fala, cuja produção oral será influenciada, também, pelo contexto situacional. Segundo Bortoni-Ricardo "o falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações" (BORTONI, 2005, p. 25). Assim, a situação, o lugar e o ouvinte serão determinantes do modo como o falante irá se expressar, no qual este juntamente com o ouvinte, que tanto assume uma postura responsiva ativa quanto uma postura de locutor, estabelecem uma interação socialmente estruturada no processo de construção do significado, no contexto da comunicação.

Inf.	Idade	Sexo	Qual a sua postura com relação ao uso das variações linguísticas em
			sala de aula?
1	35	F	A língua oral em sala de aula deve ocorrer através de atividades de fala,
			escuta e escrita, refletindo sobre a língua, principalmente a língua
			trazida pelo aluno, mostrando que eles podem utilizar a linguagem de
			variadas formas no processo de interação.
2	24	F	Acredito que cabe ao professor orientar seus aprendizes de que com
			relação a este tema não existe o certo e o errado, mas as variações da
			língua, para assim mostrar aos alunos que a língua se adequa às
			situações de uso.
3	43	F	Trabalho sempre com a ideia de não favorecer o preconceito linguístico.
			Os alunos gostam, pois reconhecem o seu modo de falar e o de seus
			colegas que fazem parte de determinada tribo ou veio de uma outra
			região do país.
4	29	M	A minha postura em sala de aula em relação ao uso das variações
			linguísticas, repousa no que diz Evanildo Bechara: "o aluno deve ser
			poliglota na sua própria língua", dentre outros. Assim, procuro valorizar
			e priorizar o ensino da norma padrão, bem como, respeitar as variedades
			não padrão trazidas pelos alunos e/ou existentes em nossa sociedade.
			Refletir sobre seus usos e sobre sua importância para o processo de

			mutação, pelo qual, a língua passa constantemente, a fim de se adequar às necessidades comunicativas de cada falante.
5	30	M	Penso que essa temática é de extrema necessidade para que se diminua o preconceito linguístico e haja respeito em relação à imensidão de formas de falar que existe no nosso país e no mundo.
6	34	M	Vejo a sala como um microespaço do social, portanto vejo a variação como algo inerente a este lugar, e por isso devemos ter em mente que a pluralidade de usos e modos da língua é crucial ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem.

Quadro 2 – Resposta dos professores, sujeitos da pesquisa, referente à pergunta número 7.

Em relação aos informantes do sexo feminino, na pergunta 7 foi questionado o seguinte: "Qual a sua postura com relação ao uso das variações linguísticas em sala de aula?" A Informante 1 afirmou que "a língua oral em sala de aula deve ocorrer através de atividades de fala, escuta e escrita, refletindo sobre a língua, principalmente a língua trazida pelo aluno, mostrando que eles podem utilizar a linguagem de variadas formas no processo de interação." A Inf. 1 determina que a língua falada deve ser explorada através de atividades orais, em que sejam trabalhados os aspectos: fala, escuta e escrita, estabelecendo reflexões sobre a língua, cuja prioridade se da a língua adquirida pelo aluno no convívio com os grupos sociais. Assim, parte do já conhecido pelos alunos, da "bagagem" trazida por eles sobre a temática, em que faz-se um levantamento do já dominados por eles no ato de fala para posteriormente propor o ensino do que é desconhecido pelos mesmos, estabelecendo relação direta como a proposta de Mattos e Silva (2004). A Inf. 1 aponta mostrar aos alunos que a língua pode ser utilizada de diversas formas no processo de interação de acordo com o pensamento de Bortoni-Ricardo (2005), as variações linguísticas são recursos utilizados pelo falante no ato de fala, em que no processo da comunicação o falante molda a língua de acordo com a necessidade de se expressar, ampliando a qualidade da comunicação e determinando a sua identidade social.

Já a Informante 2 enfoca um ponto crucial nesta temática, ao dizer "acredito que cabe ao professor orientar seus aprendizes de que com relação a este tema não existe o certo e o errado, mas as variações da língua, para assim mostrar aos alunos que a língua se adequa às situações de uso." A Inf. 2 estabelece relação direta com o pensamento de Bagno (2001), ao afirmar que os conceitos de "certo" e "errado" não existem, existe sim variação linguística. Os modernos estudos linguísticos evidenciam que não existe erro em língua, mas sim existem formas diferentes daquela proposta pela gramática tradicional, ou seja, as pessoas falam de

maneira diferente ao aplicar regras gramaticais diferentes, das regras da gramática tradicional, no ato de fala. Isto porque, só é possível considerar que ocorreu um erro de língua quando a comunicação entre os falantes é comprometida. Portanto, podemos afirmar que a utilização dos conceitos de "certo" e " errado" exprimem aspectos de autoritarismo e intolerância para com o repertório verbal destes falantes. Além disso, a Inf. 2 declarou mostrar aos alunos que a língua se adequa à situação de uso. Conforme o pensamento de Bortoni-Ricardo "o falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações" (BORTONI, 2005, p. 25). Assim, a situação, o lugar e o ouvinte serão determinantes do modo como o falante irá se expressar, no qual este juntamente com o ouvinte, estabelecem uma interação socialmente estruturada no processo de construção do significado, no contexto da comunicação.

Em comum acordo, a Informante 3 relata: "trabalho sempre com a ideia de não favorecer o preconceito linguístico. Os alunos gostam, pois reconhecem o seu modo de falar e o de seus colegas que fazem parte de determinada tribo ou veio de uma outra região do país." A Inf. 3 aponta trabalhar a temática sempre com a ideia de não permitir que os alunos apropriem-se do espaço escolar para a discriminação do outro, bem como declara Bortoni-Ricardo (1995) que é errado utilizar da ocorrência do "erro" do aluno como momento propício para humilhá-lo, em sala de aula. Além de trabalhar de forma que evidencie o modo de falar do aluno, em que este estabelece relação direta com o grupo ao qual faz parte, possibilitando que a variação geográfica ou diatópica seja analisada entre falantes de origens geográficas diferentes, no qual estão vinculadas diversidades linguísticas apresentadas no espaço físico. Vale salientar que os falantes não necessariamente precisam ter nascido dentro de uma comunidade. Estes podem adotar as variações linguísticas próprias a sua região ou classe social.

Com relação à mesma pergunta 7 do questionário, tomemos agora o posicionamento dos informantes do sexo masculino. O Informante 4 menciona: "a minha postura em sala de aula em relação ao uso das variações linguísticas, repousa no que diz Evanildo Bechara: "o aluno deve ser poliglota na sua própria língua", dentre outros. Assim, procuro valorizar e priorizar o ensino da norma padrão, bem como, respeitar as variedades não padrão trazidas pelos alunos e/ou existentes em nossa sociedade. Refletir sobre seus usos e sobre sua importância para o processo de mutação, pelo qual, a língua passa constantemente, a fim de se adequar às necessidades comunicativas de cada falante." O Inf. 4 afirma priorizar o ensino da norma padrão sem desrespeitar as variações trazidas pelo aluno, ou até mesmo as existentes na sociedade. A partir deste respeito às variações linguísticas, busca refletir sobre seus usos e

sobre sua importância para o processo de mudança da língua como afirma Bagno (2001), que o propósito da Sociolinguística é mostrar que toda língua *muda* e *varia*, ou seja, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com o contexto situacional e social do falante. Estas mudanças sofridas pela língua resultam em adequar-se as necessidades comunicativas dos falantes de cada grupo social.

Já em se tratando do Informante 5 afirma "penso que essa temática é de extrema necessidade para que se diminua o preconceito linguístico e haja respeito em relação à imensidão de formas de falar que existe no nosso país e no mundo." O Inf. 5 aponta a importância da temática para que se combata o preconceito linguístico existente em nossas escolas, bem como afirma Bortoni-Ricardo (1995) não é correto apropriar-se do "erro" do aluno como oportunidade para ridicularizá-lo em sala de aula. Ademais, não somente para que se diminua o preconceito em sala de aula, mas também em nosso país e no mundo.

E por fim o Informante 6 declara "vejo a sala como um microespaço do social, portanto vejo a variação como algo inerente a este lugar, e por isso devemos ter em mente que a pluralidade de usos e modos da língua é crucial ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem." O Inf. 6 vê a sala de aula como um microespaço do social, bem como o pensamento de Meillet (*apud* ALKMIM, 2008) em comum acordo com a visão saussureana, aponta a linguagem como um fato social, determinando que "a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade". Assim, determina que a variação linguística é algo inseparável da sala de aula, na qual a diversidade de usos e modos da língua é de suma importância para o ensino e aprendizagem do aluno.

Apesar de Fisher (*apud* PAIVA, 2013), com relação ao aspecto gênero/sexo, apontar que as mulheres apresentam maior preferência ao uso das variações linguísticas mais prestigiadas socialmente, liderando os processos de mudança linguística e, estando muitas vezes uma geração à frente dos homens. Nós não obtivemos a mesma visão que o autor ao analisarmos as mulheres informantes da pesquisa. Pois, podemos constatar que tanto os informantes do sexo masculino quanto as informantes do sexo feminino encontram-se em um mesmo nível de pensamento. Além de mostrarem-se preocupados em não permitir que os usuários das variações linguísticas sofram preconceitos por causa da sua fala, principalmente no âmbito escolar, eles procuram, também, abordar a temática em suas aulas através de gêneros textuais diversos, proporcionando situações reais de uso, partindo do já conhecido pelo aluno. Assim, procuram desmistificar a noção de "certo" e "errado", a fim de que seja observado como formas diferentes daquela proposta pela gramática tradicional.

Em se tratando da variação social ou diastrática apontada por Preti (2003), considerando aspectos como idade, sexo e nível de escolaridade, podemos constatar que: embora os seis informantes apresentem idades distintas, que variam de 24 a 43 anos, sendo gênero/sexos masculino e feminino, e que verificando o nível de escolaridade consta de 1 informante graduado, 3 informantes especialistas e 2 informantes mestres, cuja abordagem evidencia uma aproximação entre ambos no que diz respeito a utilização do fenômeno da variação linguística em sala de aula. A partir dos comentários é possível pensar que as respostas do professor demonstram uma prática que se baseia realmente nos elementos propostos pela Sociolinguística, pois, podemos perceber que, na pergunta 6 do questionário, os Informantes 1,3 e 4 apropriam-se da utilização de gêneros textuais para melhor enfatizar a ocorrência da variação linguística. Bagno (2001, p. 59) aponta que "a escola tem de se abrir a todos os gêneros em que se pode concretizar o uso da língua", para um ensino crítico da norma padrão, evidenciando a heterogeneidade e diversidade da língua falada pelo enfoque de uma pedagogia inclinada para o todo da língua e não para algumas de suas especificidades. Já os Informantes 2 e 5 abordam a temática partindo do já conhecido pelo aluno, da 'bagagem' trazida pelo mesmo, evidenciando um tipos de ensino apontado por Votre (2013), que é o ensino produtivo concentrado em adquirir novos hábitos linguísticos, visando com maior evidência os modos de prestígio. Isto é, partindo do levantamento do já dominados pelos alunos no ato de fala para posteriormente propor o ensino dos paradigmas verbais inexistentes no vernáculo falado por estes, com o objetivo de desenvolver uma ampliação da concordância verbal e dos fatores estruturais da língua. Em contrapartida, o Informante 6 aborda a temática conduzindo os alunos a perceberem a língua como um processo que se adequa aos contextos de uso na sociedade. Assim, no contexto da comunicação a situação, o lugar e o ouvinte serão determinantes do modo como o falante irá se expressar, no processo de construção do significado.

Na pergunta 7 do questionário podemos observar que os Informantes 1, 2 e 4 enfocam que no contexto da comunicação a língua se adequa às situações de uso. Em comum acordo com o pensamento de Bortoni-Ricardo ao afirmar que "o falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações" (BORTONI, 2005, p. 25). Assim, a situação, o lugar e o ouvinte serão determinantes do modo como o falante irá se expressar, no qual o falante e o ouvinte, estabelecem uma interação socialmente estruturada no processo de construção do significado, no contexto da comunicação. Os Informantes 1, 3, 4 e 5 expressam preocupação com relação ao preconceito linguístico existente nas escolas. Afirmam refletir e respeitar as variedades não

padrão trazidas pelo aluno, não os permitindo apropriem-se do espaço escolar para a discriminação do outro, conforme declara Bortoni-Ricardo (1995) que é pedagogicamente errado fazer uso da ocorrência do "erro" do aluno como momento propício para humilhá-lo, ridicularizando-o em sala de aula. Já o Informante 6 percebe o espaço da sala de aula como uma microespaço do social, no qual os alunos ao utilizarem a língua para se expressar determinam inconscientemente que a língua é um fato social como o pensamento de Meillet (*apud* ALKMIM, 2008) em comum acordo com a visão saussureana, aponta a linguagem como um fato social, determinando que "a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade". Em contrapartida, a Informante 2 declara orientar os alunos de que ao se tratar de variação linguística não existe certo ou errado, bem como aponta Bagno (2001), ao afirmar que os conceitos de "certo" e "errado" não existem, existe sim variação linguística. Isto porque, só é possível considerar que ocorreu um erro de língua quando a comunicação entre os falantes é comprometida. Portanto, podemos afirmar que a utilização dos conceitos de "certo" e "errado" exprimi aspectos de autoritarismo e intolerância para com o repertório verbal destes falantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou verificar as contribuições do professor para a valorização dos saberes sociolinguísticos e dos valores culturais do aluno, e, compreender a reação ou a maneira de ser dos professores, sujeitos da pesquisa, com relação ao uso de variedades não padrão em sala de aula. Os dados apresentados demostraram que os professores abordam a temática de maneira contextualizada através de gêneros textuais diversos ou específicos, dando ênfase às variedades locais, e partindo dos já dominados pelos alunos no ato de fala, a fim de posteriormente propor o ensino dos paradigmas inexistentes no vernáculo falado por eles. Além disso, os informantes declararam conduzir o aluno a percepção de que no processo da comunicação a língua adapta-se à necessidade, adequando-se a situações de uso no convívio social.

Com relação às hipóteses, podemos observar que existe a preocupação por parte dos professores de conceber em sua prática pedagógica o ensino da norma culta, visando à ampliação das competências: linguística, comunicativa e discursiva, do aluno. Pois os professores, sujeitos da pesquisa, procuram valorizar e respeitar os saberes sociolinguísticos adquiridos pelo discente antes mesmo de ser introduzido no convívio escolar. Já na segunda hipótese, ocorreu a quebra do pensamento, no qual as aulas de português não se limitam única e exclusivamente ao estudo de regras gramaticais sem o enfoque da variação linguística, mas sim os alunos são conduzidos a perceberem as diferenças no português padrão e no não padrão, desmistificando, assim, a noção de certo e errado. Isto porque, existem variações na língua, internalizada em cada indivíduo, por meio dos valores culturais advindos dos mais variados grupos sociais dos quais o falante faz parte.

Entretanto, percebemos que os professores poderiam orientar o aluno acerca da possibilidade de seu discurso ou produção textual ser submetido à avaliação. Para isso, é necessária a apresentação, a explicação e o estudo por intermédio do professor das diferenças da língua que a escola pretende transmitir para o aluno e da língua falada pelo aluno, no convívio com grupos sociais.

Em que pesem as considerações, podemos concluir que os professores informantes da pesquisa procuram fazer uso de metodologias com o propósito de conduzir os alunos a discussões acerca dos valores atribuídos a cada variante linguística, visto que estes utilizam os recursos da variação da língua para exprimir sua identidade, alternando com elementos da norma padrão, quando necessário.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008, v.1

BAGNO, Marcos. Não põe corda no meu bloco. In: BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2001.

_____. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____.Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula. In: Angela B. kleiman (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Variedades Linguísticas: Avanço e Entraves. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **O Livro didático de Português: múltiplos olhares.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma (movimento no interior do português brasileiro). In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

MENDES, Ronald Beline. Língua e variação. In: FIORIN, José Luiz (Org.). Linguística? Que é isso? São Paulo: Contexto, 2013.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 2ª reimpresão. São Paulo: Contexto, 2013.

MURRIE, Zuleika Felice (Org.). Conhecimentos de língua Portuguesa. Parte II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. In: **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio), 2000.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PRETI, Dino. A sociolinguística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social. Dialetos sociais e níveis de fala ou registros. In: **Sociolinguística: Os níveis de fala: Um estudo sociolinguístico do diálogo da literatura brasileira.** 9. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

Secretaria de Educação Básica. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Ministério da educação. **Orientações Curriculares para o ensino Médio**. Brasília, DF, 2008.

TARALLO, Fernando. A relação entre língua e sociedade. In: **A pesquisa sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____.Variação e mudança linguísticas. In: **A pesquisa sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 2ª reimpresão. São Paulo: Contexto, 2013.

ANEXO A – MODELO DE QUESTIONÁRIO

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte de uma pesquisa sobre meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Letras Língua Portuguesa da UEPB. Com este questionário, pretendo verificar as contribuições do professor para a valorização dos saberes sociolinguísticos e dos valores culturais do aluno, bem como o uso das variedades não padrão em sala de aula do ensino médio. Dessa forma, solicitamos a sua colaboração, no sentido de responder a este questionário. Asseguramos que sua identidade será preservada. Desde já, agradecemos por sua colaboração!

Data do preenchimento do questionário
1) Idade
2) Sexo: () Masculino () Feminino
3) Qual a sua formação acadêmica?
()Graduação ()Pós graduação ()Especialização ()Mestrado ()Doutorado
4) Tempo de atuação no magistério
5) Qual foi a última vez que você participou de uma formação?
6) Como você aborda a temática da variação linguística em sua sala de aula?
7) Qual a sua postura com relação ao uso das variações linguísticas em sala de aula?